



## MEMÓRIA EM FUNCIONAMENTO NO DISCURSO: O FUTURO EM EXPOSIÇÃO

### MEMORY IN OPERATION IN SPEECH THE FUTURE ON DISPLAY

LUCÍLIA MARIA ABRAHÃO E SOUSA<sup>1</sup>  
MARCO ANTONIO ALMEIDA RUIZ<sup>2</sup>  
JOÃO FLÁVIO DE ALMEIDA<sup>3</sup>  
GUSTAVO GRANDINI BASTOS<sup>4</sup>

**RESUMO:** A memória do discurso pode ser construída a partir de diferentes lugares de (res) significações sociais, em que certos imaginários são colocados à prova em relação aos contextos de sua circulação. Assim, a memória pode adquirir novos sentidos no interior de um interdiscurso, em que por meio de novas instâncias de enunciação irrompem novas ressignificações de memórias sobre o futuro. É, pois, considerando essa noção de memória social no âmbito do trabalho que propomos uma reflexão das ideias de futuro baseadas numa exposição de arte intitulada “Ofisuka 2068 - imaginando um futuro do trabalho”, realizada em setembro de 2018 no Museu do Amanhã. O objetivo foi observar as mutações de memória e discurso na sociedade em relação às ideias pré-estabelecidas da noção de trabalho num amanhã que ainda está por vir. Conhecer, assim, novas instâncias discursivas que ressignificam certas formulações no interior do interdiscurso.

**Palavras-chave:** Discurso. Futuro do trabalho. Memória. Museu do Amanhã.

**ABSTRACT:** The memory of discourse can be constructed from different places of social significance in which certain imaginaries are put to the test in relation to the contexts of their circulation. Thus, memory can acquire new meanings within an interdiscourse, in which, through new instances of enunciation, new significations of memories emerge about the future. It is, therefore, considering this notion of social memory within the scope of the work that we propose a reflection of the ideas of future based on an art exhibition entitled “Ofisuka 2068 - imaginando um futuro do trabalho” (in Portuguese) at the Museum of Tomorrow. For this, the aim was to observe the mutations of memory and discourse in society in relation to the pre-established ideas of the notion of work in a tomorrow that is yet to

---

<sup>1</sup> Docente com dedicação exclusiva na Universidade de São Paulo. luciliasousa@gmail.com.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4585-9287>

<sup>2</sup> Pós-doutorando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.  
marcoantonioruiz@usp.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2438-9252>

<sup>3</sup> Pós-doutorando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e professor na Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). joaoflaviodealmeida@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2165-8392>

<sup>4</sup> Doutor pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.  
guggrandini@gmail.com

Orcid:<https://orcid.org/0000-0002-1397-1901>

come. Like some results, we aim to know, moreover, new discursive instances that reaffirm certain formulations within the interdiscourse.

**Keywords:** Discourse. Future of work. Memory. Museum of Tomorrow.

## MEMÓRIA E DISCURSO: O FUTURO DO TRABALHO EM OFISUKA 2068

“Se o discurso é um lugar de memória, é porque ele traz o vestígio [...] das flutuações e das contingências de uma estratégia; a impressão sedimentada de uma história, de suas continuidades e de suas rupturas” (COURTINE, [1981] 2006, p. 92). Partindo dessa afirmação, podemos dizer que a memória é um dos temas de estudo empreendidos pela Análise do Discurso de orientação francesa (doravante AD). É, pois, por meio da memória discursiva que encontramos as variações de enunciados que emergem e se transformam no interior de formações ideológicas que se inscrevem numa dada condição sócio-histórica. A partir de certo acontecimento, observamos a ocorrência dos “implícitos”, isto é, dos pré-construídos imersos no conjunto do interdiscurso.

É nos trabalhos de Michel Pêcheux (2010), em o *Papel da memória*, que vemos uma melhor apresentação desse conceito a partir de um conjunto de reflexões apresentadas durante o colóquio *História e Linguística* em 1983, em que o autor questiona o modo como os efeitos de sentidos são gerados, despregando-se de uma visão conteudista vigente nos estudos de língua(gem) da época e proporcionando, assim, uma nova perspectiva discursiva de trabalho. Nesse caminho, Nunes (2010), na introdução da obra, instaura um conjunto de indagações acerca da memória na produção discursiva, vejamos:

O que é produzir memória? Como a memória se institui, é regulada, provada, conservada, ou é rompida, deslocada, restabelecida? De que modo os acontecimentos – históricos, mediáticos, culturais – são inscritos ou não na memória, como eles são absorvidos por ela ou produzem nela uma ruptura? (NUNES, 2010, p. 7).

Logo, a memória, segundo Pêcheux (2010), não deve ser interpretada no sentido psicologista enquanto uma “memória individual”, mas por meio de sentidos “entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador” (p. 50). Trata-se, pois, de inscrever certo

acontecimento a ler num espaço de memória a partir de certas condições de produção de discursos, além disso é preciso considerar, conforme Ferreira (2012), que a cada reflexão acerca da memória, esta é retomada de uma forma distinta, com uma certa particularidade, em que são propostas novas discussões e problematizações teóricas por meio de cada nova observação e trabalho de estudo e leitura com os *corpus* de pesquisa.

Assim, tal memória discursiva liga-se ao conjunto do já-dito, do pré-construído como elemento do interdiscurso. Na esteira dessa reflexão, o interdiscurso configura-se como o *todo complexo com o dominante*, “o fato de que ‘algo fala’ sempre antes, em outro lugar e independente” (PÊCHEUX, 2014, p. 149) e que é responsável por instaurar sentidos outros no interior de formações ideológicas (FI) que são responsáveis pelo “assujeitamento” do sujeito (o ideológico) no e pelo discurso. Nos trabalhos de Pêcheux, o interdiscurso, introduzido por Paul Henry, é tomado como um lugar em que constituem diferentes sequências discursivas produzidas como possibilidades do dizer do sujeito falante, cuja inscrição ocorre em uma dada formação ideológica determinada. Trata-se, desse modo, de tomar para si os objetivos e transformá-los em discurso, atribuindo uma certa coerência às declarações e às formulações efetivamente elaboradas no eixo do intradiscurso.

Ao enunciar, o sujeito “escolhe” certo elemento do interdiscurso, um certo dizer já enunciado inscrevendo-o no eixo da formulação, o intradiscurso, sob a forma de pré-construído, materializando uma dada FI. Em outro trabalho (SOUSA et al., 2019), observamos tal funcionamento ao analisar discursivamente a exposição que o Museu do Amanhã promoveu sobre o tema “direitos humanos”, fazendo falar um modo de atualização, deslocamento e reinscrição de sentidos já ditos em outros lugares sociais por diferentes sujeitos.

Efeitos de luta, denúncia e afirmação de direitos igualitários movimentam os grandes pentes do tear digital, colocando a arte em outras coordenadas de formulação e circulação. Esses gestos são entendidos por nós como formas de retomadas de memória de grupos historicamente marginalizados, que possuem uma demanda de direitos ainda muito pertinentes em pleno século XXI e que tencionam os sentidos legitimados como naturais (SOUSA et al., 2019, p. 181).

Com efeito, a noção de condições de produção é um dos conceitos basilares da análise do discurso, em que vemos constantemente o

jogo de forças e relações constituintes resultantes desse processo discursivo. É por meio delas e da realização do processo discursivo em três níveis que podemos dizer que há uma reatualização da memória de futuro por meio das formas e disposições dos objetos na exposição “Ofisuka 2068: imaginando o futuro do trabalho”, haja vista que a constituição, a formulação e a circulação de discursos são responsáveis pela instauração de uma nova memória (ORLANDI, 2002). Vejamos:

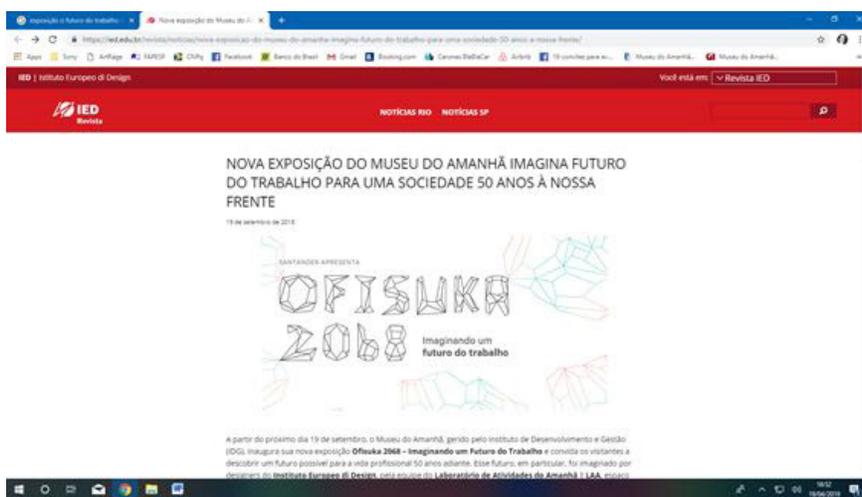


Figura 1

Nossa reflexão é tomada a partir de um material coletado durante uma visita dos autores ao Museu do Amanhã na exposição “Ofisuka 2068 – imaginando um futuro do trabalho”<sup>5</sup>, realizada em setembro de 2018 e que comporá o nosso *corpus* de análise. Para tal, a compreendemos como um conjunto de discursos presentes na memória social que compõem um processo de ressignificação do vir a ser do futuro do trabalho em 2068. Assim, esse conjunto de discursos, na esteira de Orlandi (2002), permite a constituição do dizer estabelecida por meio de uma memória do dizer no qual se marcam discursivamente os efeitos de sentidos relativamente estabilizados, advindos de pré-construídos e discursos outros, já-ditos. Constituição esta que faz funcionar discursivamente os efeitos de futuro em um

<sup>5</sup> Disponível em: <https://ied.edu.br/revista/noticias/nova-exposicao-do-museu-do-amanha-imagina-futuro-do-trabalho-para-uma-sociedade-50-anos-a-nossa-frente/>. Acesso em: 27 de jun. 2019.

museu que se inscreve na cidade marcado pelo Amanhã e sustentado pelo jogo dos sentidos sobre futuro e tecnologia. Sobre isso, Sousa e Barbosa Filho (2019, p. 45) registram que:

(...) o Museu do Amanhã ganha corpo na cidade a partir de sentidos já postos antes e em outro lugar, sustentando-se simbolicamente como um ícone de inovação em termos urbanísticos, arquitetônicos, museológicos e de tecnologia para dar outra configuração ao centro antigo da cidade.

A formulação efetivamente acontece a partir do momento em que as condições de produção desses dizeres se ligam, direta ou indiretamente, às circunstâncias da enunciação. Todavia, a transformação da memória acontece apenas no nível da circulação, pois há uma atualização, fazendo intervir os sujeitos e o jogo de sentidos como resultado da ressignificação de uma atualidade e uma memória baseados nas condições de emergência de discursos que refletem e refratam cada tempo e cada formação social. Orlandi (2002, p. 33) ressalta, ainda, a importância desses três níveis discursivos como um processo, em que:

A constituição determina a formulação, pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos (p. 33).

Em se tratando de nosso material de análise, as imagens da exposição e as novas ideias de futuro apresentadas, que se constituem de materialidades sincréticas por sua composição, compõem-se pelo já-dito, pelo *alhures*, e se manifestam pela materialização atual do discurso em texto. Trata-se, pois, de projetar o futuro por meio da tecnologia a partir dos dizeres inscritos no eixo da formulação. Ademais, para o que está sendo dito sobre a construção de um novo futuro, olhamos seus efeitos a partir de um interdiscurso, do que efetivamente já se formulou e se tem constituído sobre a ideia do futuro em nossa formação social, as possibilidades de dizer que atravessam o saber discursivo no interior da sua constituição, no encontro de uma memória e de uma atualidade.

Como um dos possíveis efeitos gerados por essa disposição “futurística” criada e montada pela exposição, vemos uma relação assimétrica e desigual com as relações de trabalho empreendidas em uma formação social capitalista: padrão-empregado, proprietário

e não-proprietária. Ou seja, observamos uma ênfase na tecnologia, como um ponto articulador do futuro do trabalho, que parece não considerar a exploração do capitalismo nas relações de trabalho já constituídas atualmente e nem que elas possam ser intensificadas no futuro. Questões como desemprego, não acesso à educação básica e superior ou precarização do trabalho são silenciadas, postas de lado frente à institucionalização de sentidos sobre um futuro criativo e hiperconectado.

Em nosso *corpus*, analisamos como a memória é projetada e o modo como sentidos outros são constituídos sobre o futuro, analisando os processos de institucionalização dos sentidos em uma exposição museológica. Para tal, é preciso pensar que certas observações sobre o modo como o futuro é estruturado e ressignificado não são realizadas de maneira aleatória, mas com base na produção, nos estudos e nas problematizações como frutos de pré-construídos, no qual considera-se sobre o que será e virá nas próximas décadas no campo do trabalho. Assim, a exposição reflete e refrata efeitos de sentidos sobre o futuro que partem de uma memória como processo de construção, algo que pode ser antevisto com base em estruturas existentes, ao mesmo tempo em que nega o existente. Trata-se de uma memória constituída e construída por pré-construídos e implícitos que são postos pela leitura e produzem, desse modo, sentido no espaço oficial para os visitantes do Museu do Amanhã.

Nesse sentido, podemos dizer que toda imagem produzida se perpetua na cultura do visual em que só se constitui pela memória social das imagens em discurso, estas produzidas pelo sujeito, na rede de formulações que são responsáveis por ratificarem a ressignificação de conceitos discursivamente cristalizados na contemporaneidade. Esses discursos formulados abrem possibilidades de dizer sobre um futuro novo, uma memória social criada a partir das novas formulações promovidas pela exposição, que, segundo Davallon (2010), são operadoras de memória social, pois representam certa realidade inscrita pelo funcionamento do interdiscurso. Em outras palavras, toda forma de dizer das imagens retratadas representa, de certo modo, um conjunto de pré-construídos presentes no interior de um interdiscurso.

Na atualidade, nossa relação constante com as tecnologias, possibilitam formulações acerca do futuro. Trata-se da atualização da memória. Em virtude disso, podemos dizer que a “Ofisuka 2068” mobiliza possibilidades de dizer sobre um futuro que já nos é factual, um conjunto de enunciados que já são, de certo modo, (re)produzidos e mobilizados no eixo intradiscursivo como resultado das diferentes possibilidades de dizer, das novas projeções de um futuro novo. Temos, com esses novos discursos, uma realidade ressignificada, em que:

Essa negociação entre o choque de um acontecimento histórico singular e o dispositivo complexo de uma memória poderia bem, com efeito, colocar em jogo a nível crucial uma passagem do visível ao nomeado, na qual a imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar (PÊCHEUX, 2010, p. 51).

Nesse caminho, os lugares de memória (retratados aqui pela exposição, por exemplo), são responsáveis por darem corpo à noção de memória discursiva, que funciona no interdiscurso e proporciona certo sentido ao dizer; é na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso que vemos a irrupção de uma memória na atualidade do acontecimento, o futuro novo. Na exposição, novos dizeres só são possíveis porque se inscrevem num conjunto de discursos já-ditos, já-configurados no bojo da memória social. Ao projetar novas instâncias discursivas, pelo jogo imagem e expressão verbal, o sujeito projeta um futuro, opera novas memórias, atualizando-as a partir do que já foi dito, ressignificando-as, e criando, assim, novas culturas visuais.

Dessa maneira, podemos dizer que o interdiscurso é como uma ferramenta operacional que funciona por meio da reconfiguração ininterrupta de novos saberes que incorporam elementos pré-construídos, exteriores ou interiores a seu campo discursivo, e promovem, assim, uma retomada, uma repetição, uma transformação ou um silenciamento de certos valores socialmente estabilizados. Essa ferramenta, complexa, que reverbera discursos outros na produção dos sentidos, é responsável por operar uma memória discursiva atualizando-a e fazendo-a ressignificar discursivamente no todo complexo com o dominante, que se materializa a partir de certos discursos inscritos no interior de práticas verbais e não-

verbais, possibilitando uma articulação entre um enunciado e a sua formulação. É, pois, pela repetição de elementos no jogo discursivo que observamos os efeitos de memória que estão imbricados no processo de circulação do e no discurso.

Na exposição “Ofisuka 2068: imaginando um futuro do trabalho”, realizada no Museu do Amanhã, observamos a construção de sentidos sobre o que virá, sobre como o futuro do trabalho será estruturado e ressignificado. Nesse caminho, pela via do possível, a exposição é construída a partir do que será o futuro do trabalho, tomando como base indícios de como o trabalho será possível e vivido. Além disso, ela antecipa o futuro, mapeia as possibilidades e estabelece o modo como o trabalho será possível por meio do que é imaginado e no que é pré-construído, permitindo aos visitantes da exposição o possível contato com o ano de 2068, ressignificando uma dada realidade.

Podemos destacar outras reflexões acerca do Museu do Amanhã tecidas por pesquisadores brasileiros, que o tomam como um gerador de efeitos de sentidos numa atualidade latente, que se transforma. Daróz e Sousa (2019), por exemplo, problematizam a relação intrínseca entre a memória e a história nos discursos produzidos pelo museu, em que esse espaço museológico torna-se responsável por instaurar e regularizar uma certa memória sobre o Brasil e o povo brasileiro, idealizando-o.

A memória constitui a superfície que estrutura o que é dito, os sentidos possíveis sobre o que será o futuro. Na notícia analisada, observamos que a nova exposição do Museu é projetada para pensarmos “uma sociedade 50 anos à nossa frente”, algo que ainda não existe, mas que seria possível de ser identificada e prevista com base em considerações técnicas produzidas por especialistas (“*designers* do Instituto Europeo di Design, pela equipe do Laboratório de Atividades do Amanhã | LAA”) e por “jovens”, aqueles que são os maiores interessados nesse por vir que ainda não tem forma e que (res)significam o que será o amanhã em uma área compreendida como essencial para a vida do homem: o trabalho.

Nesse caminho, observamos o foco no trabalho e no reforço dos sentidos sobre a sua necessidade e sua importância na vida dos sujeitos da contemporaneidade, além disso, vemos como essa

realidade latente do presente capitalista refrata discursos outros de uma transformação de futuro, da não ociosidade, reverberando, assim, a relevância da produção, da tecnologia, mesmo diante de uma produção que é apenas sonhada e imaginada. Não existem certezas sobre as novas configurações do amanhã, apenas o que é imaginado como o mundo do futuro, que se configura em uma área compreendida como muito importante no seio da vida social.

Na exposição, o trabalho não é identificado como uma atividade que desaparecerá, mas sim como prática que sofrerá grandes mudanças. Sua definição passará por uma série de ressignificações, culminando, sobretudo, em atividades e ocupações ainda inexistentes (“estima-se que 65% das crianças que hoje estão na escola primária irão desempenhar atividades ainda não existentes”). O futuro está, ao mesmo tempo, próximo do agora, pois depende da sua estrutura existente, mas muito distante, frente à inexistência de profissões que serão ocupadas por grande parte dos jovens do presente. Calcular, estimar e imaginar são os meios possíveis de chegar ao futuro, de estabelecer possibilidades e sentidos para algo que ainda não existe, para um ano no qual ainda estamos tão distantes, como é o caso de 2068. Institucionalizar uma memória sobre e do futuro passa a ser papel possível de um Museu que foca na discussão sobre questões do futuro, do que virá, mas não de quaisquer maneiras, mas embasado, tomando como lugar de partida as considerações de “especialistas” para produzir sentidos e significações sobre o que ainda não existe, que são apenas expectativas.

A estruturação da exposição em um espaço oficial produz sentidos de legitimidade da memória que é apresentada como referente ao que teremos no futuro. Há, com isso, um jogo da produção de evidência, da naturalização dos sentidos (PÊCHEUX, 2014), já que o espaço em que esse futuro é exposto é apresentado na ordem da legitimidade do que se diz. Ademais, a repetição é que proporciona a estruturação do que é identificado como evidente, aquilo que será e no qual os sujeitos podem antever, no Museu, as formas do que existirá. Concordamos com Ferreira (2012, p. 149) de que “o mecanismo da memória não é padronizado”, assim, a forma como os sujeitos estabelecem relações com os materiais, com as possibilidades do futuro e com o universo do trabalho são múltiplas, pois os sentidos o são e as relações com

a exposição são variadas, com os sentidos possíveis. Iniciamos o trabalho com o nosso material, vejamos:

Nos perguntamos: qual seria o papel do ser humano em uma sociedade na qual questões como renda mínima já terão sido equacionadas, e a tecnologia continuará a redefinir padrões de conforto, eficiência, precisão e produtividade? Talvez o nosso lugar seja desenvolver trabalhos mais criativos.<sup>6</sup>

O futuro é posto como positivo e cercado de otimismo, já que questões consideradas atualmente problemáticas são compreendidas como já resolvidas em 2068. É a tecnologia que redefinirá e resolverá as questões problemáticas do nosso tempo, como a “renda mínima”, na qual os homens são postos de modo secundário diante da importância da tecnologia nesse processo, pois é ela que irá (re)definir os “padrões” aos quais o homem estabelece relações e especificações. O futuro aparece como consequência inequívoca de um progresso linear e inevitável, um vir-a-ser já contido no decorrido.

Nessa hipótese apresentada sobre o futuro, problemas atuais são postos como superados pelas vias das tecnologias. Esse operador discursivo sustenta o imaginário de que será a tecnologia que solucionará problemas humanos, de modo quase mágico; atribui-se a ela também a capacidade de ultrapassar os limites humanos e de solucionar os problemas que nos aflige. Tal discurso tecnofílico supõe a superação das dificuldades de maneira asséptica, sem tocar em questões políticas ou que envolvam discussões como a desigualdade produzida pelo capitalismo, apenas produz o resultado sem tocar em questões ideológicas, como se isso fosse possível de ser ignorado.

A submissão ao comando de estruturas mecânicas de modo inevitável e, com isso, produzindo bons resultados, é posto como algo concreto, sem volta ou possibilidade de argumentação. O ser humano deve estar em conexão constante com as máquinas e as estruturas tecnológicas no campo profissional, que simboliza gestos de ligação com um futuro inevitável. Nesse processo, é a tecnologia que redefine os “padrões” humanos em vários campos, inclusive em relação ao trabalho, além de promover a criatividade que será elemento fundamental para (re)definir o lugar das profissões. Ser

---

<sup>6</sup> Dados coletados durante a visita, material dos autores.

criativo é predicado essencial em um mundo que será transformado e ressignificado.

A metodologia usada na criação da mostra foi baseada na disciplina “Estudos de Futuros”, que auxilia no desenvolvimento de estratégias, de políticas públicas, e de novos produtos e serviços para influenciar futuros possíveis. O exercício envolveu a análise de sinais de mudança e suas implicações no tempo e em vários níveis sociais, culturais, ambientais e de negócios.<sup>7</sup>

A “mudança” é parte do que será o futuro do trabalho. “Estudos de Futuros” é uma disciplina na qual são discutidas questões e “estratégias” sobre os “futuros possíveis”. Nessa relação, trata-se dos sentidos formulados não de modo aleatório, mas relacionados a uma certa instância que mobiliza teorizações, reflexões e problemáticas, em que o futuro é marcado por mudanças que implicam alterações em todos os aspectos de nossas vidas. Imaginar os “futuros possíveis” torna-se uma ação em que se cria uma “metodologia” ancorada na realização de uma disciplina, marcando o que é apresentado no Museu do Amanhã como algo que é constituído em espaços autorizados, institucionalizados na produção de interpretações consideradas adequadas (PFEIFFER, 2013). Não são quaisquer sentidos postos em circulação ao falarmos do futuro nesse espaço de memória, mas aqueles derivados de pesquisas científicas e estudos acadêmicos que permitem as considerações de que o futuro será diferente e melhor do que o agora.

O percurso narrativo ainda exibirá ao público possíveis padrões do trabalho daqui a 50 anos: o de hipercriatividade, que une indivíduos à tecnologia; o de quimeras, novas organizações híbridas entre humanos e não-humanos que viverão como famílias; e o de pessoas artificiais – capazes de gerenciar seus próprios recursos e estabelecer relações de troca.<sup>8</sup>

As possibilidades a respeito do futuro, as perspectivas sobre os “padrões do trabalho daqui a 50 anos”, marcam relações que envolvem o artificial, em que a “hipercriatividade”, “quimeras” e “pessoas artificiais” são parte do suposto cotidiano dos sujeitos em suas relações, inclusive no campo do trabalho. O “artificial” é elemento que compõe as relações, os sentidos e os processos de constituição dos futuros projetados como evidentes. Destacamos como os efeitos de sentido reforçam e enfatizam a certeza de um

---

<sup>7</sup> Arquivo dos autores.

<sup>8</sup> Informação coletada durante a visita ao Museu, na exposição Ofisuka 2068.

futuro em que a tecnologia e a relação com o artificial é elemento que costura e estrutura o que virá e do qual o homem não poderá fugir. É um fato que não cabe contestação e que é exposto nessa narrativa expositiva. Um mundo que será plenamente hiperconectado, no qual não cabe uma relação fora desse contexto, as “trocas” constituem os futuros possíveis.

Ressaltamos que Dias (2016) compreende que já estamos em um processo de conexão permanente dos sujeitos com as tecnologias, nas suas relações do cotidiano, seja na busca por trabalho, nas transações bancárias ou nas relações com os outros sujeitos. E na análise do *corpus* da exposição analisada o futuro será intensificado por esses processos, com “não-humanos” integrando e interagindo com famílias e “pessoas artificiais” como partes do cenário hiperconectado e, supostamente, acessível a todos. Nos “futuros possíveis”, os sujeitos devem estar adaptados a alterações que hoje não são totalmente mensuradas, mudanças ditas como capazes de serem mais “criativas” e baseadas em “trocas” que são nomeadas como ponto fundamental no que toca os mais diferentes campos das relações humanas, inclusive no universo do trabalho, que exigirá mudanças de quem deseja estar empregado nesse novo contexto. Iremos tomar como material de análise a geladeira fotografada durante a exposição e definida nos termos do futuro. Vejamos:



Figura 2 – arquivo dos autores



Figura 3 – arquivo dos autores

Nessa geladeira do futuro, composta por um grande tanque ou aquário cheio de um “gel especial asséptico”, os alimentos não impressos (há outra máquina que desempenhará a função de imprimir alimentos sob medida e com sabor escolhidos) ficam submersos nesse líquido azul e não estragam.

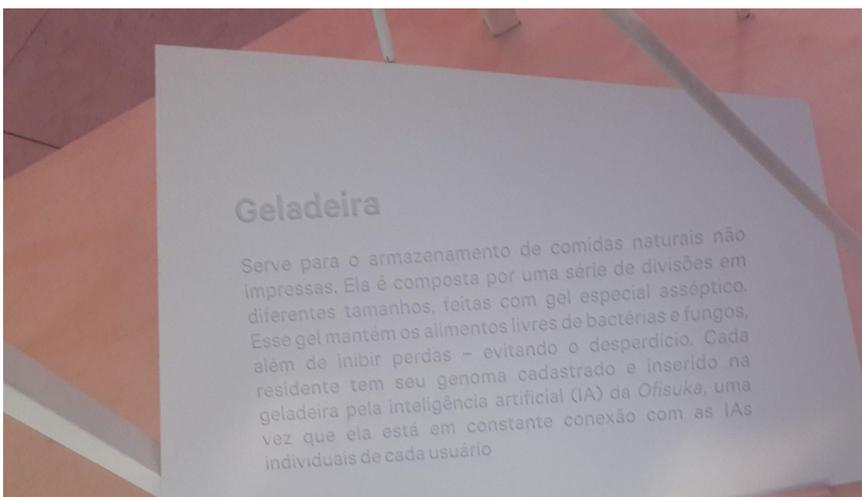


Figura 4 – arquivo dos autores

A geladeira terá a função de “armazenamento de comidas naturais” evitando que estraguem e proporcionando uma conservação

sem prazo de validade. De certa maneira, o efeito de eternidade dos alimentos a partir desse equipamento dialoga com a imagem de um futuro dominado pela tecnologia sem prejuízo, sem risco de perda e sem furos. Tal imaginário é sustentado por uma memória que, como já dissemos, é dada pelo efeito de potência das conexões entre as máquinas.

Há outro ponto que merece destaque, a saber, o cadastramento do “genoma” de cada residente. Essa nomeação chama a atenção, não temos moradores, habitantes, homens em seus lares, proprietários, locatários, mas residentes. O desenvolvimento da engenharia genética e as consequências desse campo na atualidade situam um modo bastante singular de antecipar imaginariamente o uso dela no futuro. As máquinas domésticas terão os códigos genéticos de seus usuários e os residentes colherão dentro da geladeira os nutrientes identificados a suas espirais de DNA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem poderia resistir a um futuro inevitável? Quando o oráculo de Delfos alertou o rei de Tebas, Laio, que seu filho Édipo um dia o mataria e se casaria com Jocasta, esposa de Laio e mãe de Édipo, o oráculo deu início a uma série de eventos que na narrativa mitológica grega pareciam inevitáveis, menos um: se o oráculo não tivesse anunciado a profecia a Laio, provavelmente esta cadeia de eventos não teria ocorrido. O futuro, quando contido no passado, parece perder seu caráter de desconhecido, de caos imprevisível, e ganha contornos de linearidade inequívoca.

Ora, se o interdiscurso se apresenta justamente como pluralidade de sequências discursivas, produzidas como possibilidades de constituição do sentido e do sujeito, quando exposição “Ofisuka 2068: imaginando o futuro do trabalho” discursiviza sobre o futuro, ela fornece um intradiscurso que seleciona, interpreta, silencia e apaga sentidos sobre o vir-a-ser. De todas as possibilidades de caminhos que conduzem ao futuro, a exposição parece iluminar apenas uma, inequívoca e inevitável, de tal modo que os demais sentidos são obliterados, silenciados e apagados. Produzir memórias discursivas sobre o futuro do trabalho é constituir dizeres nos quais se marcam

efeitos de sentidos relativamente estabilizados e supostamente “evidentes”. Trata-se, portanto, de uma memória projetada no futuro, ou melhor, de um vir-a-ser supostamente contido no já-ido, supostamente inequívoco e inevitável.

A contração do tempo é notável na contemporaneidade – discutida e teorizada por incontáveis pensadores. Se um sujeito do século XV era capaz de prever com alguma previsibilidade o mundo cinco décadas depois, em nossos tempos isso é cada vez menos possível (BAUMAN, 2007). O desconforto diante do desconhecido também produz efeitos: mais do que tentar estimar e imaginar o futuro, os discursos sobre o devir ganham caracteres de institucionalização de uma memória já-conhecida sobre o desconhecido. Trata-se, portanto, de um processo ideológico de estabilizar sentidos, de um movimento que ganha contornos de “tentativa de controle” do vir-a-ser, de prover inevitabilidades e previsibilidades. Se na linguística o tempo verbal “futuro do pretérito” indica a possibilidade (agora impossível) de uma ação passada, os discursos sobre o futuro parecem inaugurar um novo tempo verbal: o “pretérito do futuro”, que indica a impossibilidade (sempre possível) de uma ação futura vir-a-ser de outro modo.

Ilusão de controle. Fora da mitologia grega, o futuro ainda é da ordem da contingência. Neste caso, o furo e a deriva de sentidos é que são inevitáveis: o Real da História é a contingência radical (ZOPPI FONTANA, 2014, p. 32). Assim, a tensão entre o “mesmo” e o “novo” no discurso se desloca para o futuro, o que soa ainda mais contraditório. O futuro, aquilo que há de mais desconhecido e novo, ganha contornos previsíveis e repetidos no cinema, na literatura ficcional ou científica, nas HQs e principalmente nas propagandas: o futuro imprevisível é ilusoriamente domesticado, o que não deixa de produzir efeitos. Ainda não temos carros voadores como em *Blade Runner* (RIDLEY SCOTT, 1982), nem conseguimos viajar pelas galáxias, como em *2001, uma odisseia no espaço* (KUBRICK, 1968). Estes furos no imaginário discursivo, no entanto, não impedem que certos sentidos de progresso linear e inevitável ganhem força, estabilizando sentidos sobre o futuro desde o passado.

A exposição “Ofisuka 2068: imaginando o futuro do trabalho”, ainda que apresente projeções que podem não se concretizar, não

deixa de reforçar sentidos de produtividade, desempenho e não-ociosidade, sentidos provenientes de uma memória discursiva já bem legitimada, justamente porque serve aos propósitos dos grandes detentores dos meios de produção no capitalismo. A repetição dos sentidos do passado no futuro não é ingênua: é, antes, ideológica e política. Essa exposição sobre o trabalho não é um efeito isolado de produção de dizeres de previsibilidade do futuro. A soma de todos os esforços dos Aparelhos Ideológicos e Repressivos de Estado (AIE e ARE) parecem apontar para um grande projeto de sedentarização dos sentidos sobre o futuro, de apagamento da pluralidade de possibilidades contingentes.

Os tempos em que a dúvida persistia estão acabando. O “desconhecido” enquanto mistério, sedução, desejo, medo, eros e dor estão desaparecendo. Vivemos a era da repetição extrema de sentidos administrados, que embora se escamoteiem no discurso do progresso, não passam de acúmulo do “mesmo”. Por isso o conhecimento, acanhado e repisado, já não transforma: se apinha em celeiros pequenos, amassado e deformado. [...] O mundo já não é o mesmo, mas parece que continuará sendo (ALMEIDA, 2019, p. 10).

É de fato este o futuro que queremos? A “inevitabilidade” da linearidade do futuro parece afastar a possibilidade de sentidos outros, o que compromete qualquer reflexão e discussão sobre os caminhos possíveis para o futuro. Se tais memórias sobre o futuro atestam que é inevitável que milhões de pessoas percam o emprego para as máquinas, então não há nada mais que dizer ou significar. O futuro deixa de emergir como algo a ser construído ativamente e passa a significar como algo já dado, mero constructo a ser passivelmente acolhido. Ao sujeito não cabe mais sentidos de ação sobre o futuro, resta apenas sentidos de adaptação diante do inevitável, de preparação e capacitação. Os efeitos discursivos a respeito do futuro, longe de serem fetiches inofensivos, se mostram finalmente como projetos ideológicos de estabilização política de sentidos. Ao analista do discurso cabe o papel igualmente político de dotar de opacidade tais dizeres, de desnaturalizar tais sentidos e produzir espaços outros de circulação e reflexão a respeito das possibilidades que o futuro reserva à humanidade.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. F. *Epistemologia da Errância: erro, hiância e ciência em discurso*. Campinas: Pontes, 2019.
- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCar, 2014 [1981].
- COURTINE, J-J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- DAROZ, E.; SOUSA, L. M. A. No museu, o Amanhã no entrelaçamento entre história e memória. *Revista Letras Raras*, v. 8, n. 2, p. 133-149, 2019. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1377>. Acesso em: 6 mar. 2020.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010. p. 23-32.
- DIAS, C. P. Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S. (org.). *A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2016. p. 297-309.
- FERREIRA, M. C. L. Memória discursiva em funcionamento. In: ROMÃO, L. M. S.; GALLI, F. C. S. (org.). *Conceitos discursivos em rede*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 141-152.
- FONTANA ZOPPI, M. G. Althusser e Pêcheux: um encontro paradoxal. *Conexão Letras*, v. 9, n. 12, p. 23-35, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55118/33519>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- NUNES, J. H. Introdução. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010. p. 7-10.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, M. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-57.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 2014.
- PFEIFFER, C. R. C. Língua em museu: institucionalização de um nós no recobrimento de um resto histórico. *Letras*, n. 46, p. 225-244, jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11750/7179>. Acesso em: 07 mar. 2020.
- SOUSA, L. M. A.; BARBOSA FILHO, F. R. O que o amanhã guarda: eis o enigma. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SILVA SOBRINHO, H. F. *Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital*. Campinas: Pontes, 2019. p. 37-58.

SOUSA, L. M. A. *et al.* Estandartes de direitos humanos, tramas de um discurso. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 31, n. 1, p. 180-195, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/508>. Acesso em: 6 mar. 2020.

FILMES CITADOS:

2001, Uma odisseia no espaço. Direção: Stanley Kubric. Produção: Metro-Goldwyn-Mayer. EUA, Metro-Goldwyn-Mayer, 1968. 1 DVD (142 min), son., color.

BLADE Runner. Direção: Ridley Scott. Produção: Michael Deeley. Los Angeles: Warner Brothers, 1991. 1 DVD (117 min), son., color.

Recebido: 1/07/2019  
Aceito: 3/05/2020  
Publicado: 7/05/2020